

PATRÍCIO, Manuel Ferreira – *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa*. Lisboa: Zéfiro, 2013, 151 p.*

No quadro do messianismo português em geral e da conceção messiânica do Padre António Vieira acerca do "Quinto Império", Manuel Ferreira Patrício, como verdadeiro homem de cultura, dá-nos em *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* a sua meditação pessoal sobre o messianismo do "Quinto Império" de Fernando Pessoa.

Alentejano por nascimento, M. Ferreira Patrício começou por fazer o Curso do Magistério Primário, exercendo de seguida a profissão de professor do ensino primário.

Alguns anos depois, licenciou-se em Filosofia pela Universidade de Lisboa, profissionalizando-se a seguir como professor do ensino secundário (liceal), mediante a realização do respetivo exame de Estado.

Doutorou-se em Ciências da Educação – Filosofia da Educação pela Universidade de Évora, com uma tese sobre *A Pedagogia de Leonardo Coimbra – Teoria e prática* (1984), vindo a exercer a atividade de Professor da Universidade de Évora, na qual também se viria a desenvolver o seu percurso académico-profissional, mormente com a sua nomeação como professor catedrático em 1993, após as respetivas provas de agregação em 1992 com a apresentação dum trabalho sobre a *Axiologia Educacional*.

Finalmente, depois de fazer toda a sua carreira universitária na Universidade de Évora, ao longo de cujo decurso se afirmará, quer como Professor reconhecidamente qualificado, quer como agente da evolução que a filosofia da educação viria a conhecer nesta Universidade, M. Ferreira Patrício culminará a sua carreira universitária com o desempenho do cargo de Reitor nesta Universidade entre 2002 e 2006.

A par da extensa obra publicada no domínio do ensino e educação, M. Ferreira Patrício também participará de forma importante na reorganização e na gestão da área do ensino e da educação oficial do país. Efetivamente, a educação e o ensino, quer a nível de docência e de investigação, quer a nível de participação cívico-política, serão por excelência as áreas que dominarão a sua vida, sendo que em regra tal investigação e saber também revestirão um carácter predominantemente voltado para a aplicação. A tal propósito, não hesitaremos em considerar que se está perante uma das pessoas mais competentes do País neste domínio.

Contudo, a par da faceta mencionada, e em grau eventualmente nada menos eminente, em M. Ferreira Patrício, também se tomará possível encontrar o humanista e o artista, nomeadamente no domínio da música e da língua portuguesa, o intelectual e o homem de cultura. Fala-nos de tais atributos o espírito culto e sábio que atravessa os seus escritos, e que detetamos, quer em *O Messianismo de Teixeira de Pascoaes e a Educação dos Portugueses* (1996), obra que precede tematicamente a que ora se apresenta (*No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa*), e que representa uma clara evolução do seu pensamento em relação às afinidades do messianismo do "Quinto Império" de Pessoa (então com Pascoaes, agora com o Padre António Vieira), quer nas notáveis e célebres lições produzidas nas suas arguições em provas de doutoramento

* Texto de apresentação da obra de Manuel Ferreira Patrício, *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa*. A apresentação ocorreu em 24 de março de 2015, na Universidade Católica Portuguesa – Porto.

e de agregação, quer nas inúmeras conferências e comunicações apresentadas em congressos ou em outros eventos científicos e culturais, quer nos artigos publicados em revistas e jornais.

Porém, para além de tudo o que se acaba de referir, será de aludir imprescindivelmente à perspetiva "portuguesa" sob que equaciona a produção do "pensamento" e da "cultura" por parte dos portugueses. De resto, desde já será de não omitir que, em *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa*, M. Ferreira Patrício, para além de também indexar tal conceção ao domínio do ensino e da educação, fará questão de afirmar expressamente, sugerindo aliás a perspetiva de Marinho, a ideia do "pensamento situado" como algo que deve ser inerente a todo o pensamento filosófico e a toda a produção cultural. Ou seja, demonstrando uma posição de intransigente identificação com o "pensar português" e com o "pensar em português", M. Ferreira Patrício afirmará em *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* que «todos os pensadores pensam aonde estão, aonde vivem, aonde existem. Todos são pensadores situados» (p. 42). Na opinião do Apresentador, M. Ferreira Patrício será mesmo na nossa contemporaneidade portuguesa o autor que com mais coerência e naturalidade logra entrosar o "pensar português" com o pensamento filosófico universal.

Bom, mas porque a apresentação de *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa*, em simultâneo com a apresentação do importante e oportuno livro de António Braz Teixeira, *A Teoria do Mito na Filosofia Luso-Brasileira Contemporânea* (Lisboa, Zéfiro, 2014), constitui o motivo propriamente dito da presente sessão, que dizer, então, de *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa*?

No cumprimento da tarefa, o Apresentador não só procurará ater-se à interpretação que M. Ferreira Patrício consagra no seu livro acerca do pensamento messiânico de Fernando Pessoa, como, mesmo nesse aspeto, procurará ficar-se por um comentário de teor essencialista.

Nessa medida, cumprirá dizer antes de mais que, ao contrário do que o formato do livro pode sugerir, e que também diversamente do que o autor escrevia no cartão que acompanhava a oferta de um exemplar de *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa*, *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* não é um "livrinho". No entender do Apresentador, *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* é sem sombra de dúvida um "livro", e mesmo uma "obra", a ter de ser eventualmente considerado entre os principais escritos do Autor. E isto, sobretudo pelas seguintes razões: em primeiro lugar, em nome da temática que trata e do espírito intelectual e cultural superior que subjaz e atravessa a respetiva abordagem; em segundo lugar, em nome do carácter amplo e abrangente das conexões e das relações de que o livro se faz eco; em terceiro lugar, em nome do espírito de sabedoria e de cultura que o livro faz supor; finalmente, em nome do estilo literário que o livro patenteia.

De sorte que, mesmo que possa suceder de nem sempre se concordar com a interpretação ou perspetiva que M. Ferreira Patrício defende acerca do messianismo de Fernando Pessoa, nem por isso *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* deixa de aparecer como uma obra de particular valor. Com efeito, a nível das suas referências culturais, *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* consubstancia um autêntico repositório de literatura e de arte, de filosofia e de teologia, de história e de sabedoria humana, só possível num autor de espírito culturalmente maduro e superior.

Mais, relacionando-se *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* com as interpretações e/ou com os estudos que nomeadamente Agostinho da Silva, António

Quadros, Dalila Pereira da Costa, Joel Serrão e José Augusto Seabra nos legaram no âmbito do messianismo português em geral e do messianismo de Fernando Pessoa em particular, talvez não haja grandes razões para hesitar em colocá-lo ao lado de tão notáveis pensadores do messianismo português...

Em íntima consonância com o perfil de M. Ferreira Patrício, enquanto homem da educação e do ensino ou enquanto intelectual e homem de cultura, *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* remete a sua génese, quer para o conhecimento a que, ainda na infância, ele teve relativamente a Fernando Pessoa (p. 17), quer para o contexto do estágio pedagógico do Curso de Licenciatura em Ensino de História e Ciências Sociais de que ao tempo (1986) era orientador na Universidade de Évora (pp. 11-12).

Desde a génese propriamente dita da obra, no coração e na cabeça de M. Ferreira Patrício, até à sua publicação, passaram-se mais de 25 anos... Porém, independentemente do longo período de gestação que a obra teve, percebe-se que *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa*, mais cedo ou mais tarde, teria de vir à luz do dia. Tal obra era necessária ao pensamento e à alma "portuguesa" do seu autor. Ele precisava de, através dela, poder fixar por escrito não só a sua identidade de "português", mas também a forma como ele via a identidade do Povo português, do qual ele se sente umbilicalmente membro.

É que, tal como *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* o veicula com clareza, Fernando Pessoa e a *Mensagem* são Portugal e os portugueses. Para M. Ferreira Patrício, por Fernando Pessoa e pela *Mensagem*, passa sem mais toda a "portugalidade".

De forma interligada e em termos complementares, a perspetiva de interpretação que Manuel Ferreira Patrício intenta afirmar encontra-se espelhada logo na capa e na contracapa de *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa*: na capa, através duma linguagem de teor "enigmático", com o qual a metáfora do título ("*No Labirinto*") e a gravura do "*labirinto*" de Dédalo desde logo relacionam o pensamento messiânico de Fernando Pessoa; na contracapa, como verdadeira explicitação da gravura e do título da capa, através do nexo que estabelece entre o mundo do "enigma", que não o do "mistério", e a "compreensão" e a "interpretação" do pensamento messiânico de Fernando Pessoa.

Introduzida por um "Prólogo", que remete para a génese da obra e para o essencial da tese que esta consubstancia, e terminando por um "Epílogo", que incita ao otimismo e à esperança, *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* desdobra-se em quatro capítulos, "A identidade", "Aproximação à compreensibilidade universal do problema do messianismo pessoano", "O triplo mito messiânico pessoano" e "O testamento messiânico", cujas temáticas não só exprimem entre si uma relação de coerência e complementaridade, como, pela importância dos conteúdos que sugerem, desde logo suscitam no espírito do leitor uma atitude de grande expectativa.

Descendo-se, por sua vez, ao essencial do que M. Ferreira Patrício se propõe veicular e consagrar em *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* acerca da conceção de Fernando Pessoa sobre o "Quinto Império", pensamos ser de relevar em tal âmbito fundamentalmente três aspetos.

Em primeiro lugar, que, apesar de o seu autor parecer não se ter interessado por entrar em consideração, quer com a bibliografia ativa de Fernando Pessoa que foi publicada sobretudo nas duas últimas décadas pela IN-CM, pela Assírio & Alvim e

pela Editorial Nova Ática, quer com certa bibliografia passiva que, na sequência das obras de Agostinho da Silva, António Quadros, Dalila Pereira da Costa, Joel Serrão e José Augusto Seabra, veio a público nos últimos anos, *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* não poderá deixar de vir a constituir para os futuros estudiosos da conceção messiânica do "Quinto Império" de Fernando Pessoa uma obra a deverem ter em conta.

Em segundo lugar, que, enquanto nos últimos anos os autores (entre os quais nos consideramos) vêm distinguindo a conceção messiânica do "Quinto Império" de Fernando Pessoa da conceção messiânica do "Quinto Império" do Padre António Vieira, consagrando sobre o messianismo do "Quinto Império" de Pessoa uma interpretação de natureza essencialmente mítico-simbólica, correspondente a um "sentido transposto e figurado" (p. 110), à luz de cuja interpretação adscvem ao messianismo do "Quinto Império" de Pessoa um conteúdo de natureza intrinsecamente espiritual, invisível, imaterial e impessoal, M. Ferreira Patrício, diversamente, *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa*, para além de fazer supor boa convergência nomeadamente com as interpretações que Agostinho da Silva, António Quadros e Dalila Pereira da Costa também produziram sobre a conceção messiânica do "Quinto Império" de Fernando Pessoa, configura aproximar e em boa medida identificar o messianismo do "Quinto Império" de Pessoa com o messianismo do "Quinto Império" do Padre António Vieira, considerado não propriamente em relação à versão da *História do Futuro*, mas sim em relação à sua versão da *Clavis Prophetarum* (pp. 93-94), adscvendo em consequência ao messianismo do "Quinto Império" de Pessoa um sentido manifestamente análogo ao que adscve ao do Padre Vieira, qual o de um messianismo "histórico", o mesmo é dizer, um messianismo que tem a ver com o Portugal "histórico".

Em terceiro lugar, que M. Ferreira Patrício, para além de aproximar e em boa medida identificar *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* as conceções messiânicas do "Quinto Império" de Pessoa e do Padre Vieira, também veicula claramente a ideia – e isto porventura por ter consciência de que o pensamento messiânico de Pessoa, contrariamente ao de Vieira, que é de inspiração cristã-católica, consubstancia uma conceção de essência "gnóstica" (pp. 58, 67) – de que, a nível das diversas conceções existentes sobre o messianismo do "Quinto Império", a sua identificação pessoal vai para a conceção do Padre António Vieira (pp. 58, 105, 119), indo ao ponto de afirmar que o Padre António Vieira representa "o astro central – o Sol – do messianismo português" (p. 58).

Contudo, a nosso ver, a par de se dever relevar a aproximação a que M. Ferreira Patrício procede entre o "Quinto Império" de Pessoa e o "Quinto Império" do Padre Vieira, assim como a par de se dever relevar que, para M. Ferreira Patrício, o conteúdo messiânico do "Quinto Império" de Pessoa e de Vieira faz supor um conteúdo de pressuposto "histórico", pensamos que também será de não se deixar de relevar o teor do aludido pressuposto "histórico" sob que, para M. Ferreira Patrício, Pessoa equaciona o "Quinto Império".

Assim, será de afirmar que, para M. Ferreira Patrício, não só parece dar-se que o "Império", que, segundo Pessoa, está prometido a Portugal, é um "Império" de "cultura, do tipo espiritual" (p. 108), como parece dar-se que tal "Império", por um lado, há de corresponder ao "cumprimento" de Portugal, entendido como consumação da sua realização na "história", e, por outro lado, que o "cumprimento" de Portugal na "história", entendido como realização do "Quinto Império", significará não só que o "Quinto

Império de Portugal" consistirá num "Império de cultura", mas também que, com o "Quinto Império de Portugal", se «cumpre o próprio Mundo, a própria Humanidade», o mesmo é dizer, o "Quinto Império do Mundo", em termos de um "Império" de "cultura, do tipo espiritual" (pp. 123-124).

Em suma, e para terminar, através de *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa*, M. Ferreira Patrício não só parece associar intimamente a conceção do "Quinto Império" de Fernando Pessoa com a conceção do Padre António Vieira, como, à imagem da perspectiva histórico-milenarista sob que o Padre António Vieira concebe o "Quinto Império", parece adscrever à conceção messiânica do "Quinto Império" de Pessoa um entendimento de essência "histórica", ainda que concebido em termos de um "Império" de "cultura, do tipo espiritual".

Porto, 24 de março de 2015

Afonso Rocha